Publicações dos Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais

X

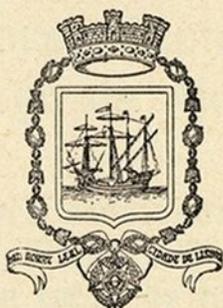
Do sítio de Nossa Senhora ao actual Largo da Ajuda

Conferência ao ar livre efectuada, por iniciativa do Pelouro Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, no Largo da Ajuda, na tarde de 10 de Novembro de 1935 pelo Ex.^mo Sr. Mário de Sampayo Ribeiro

Lisboa

1936

DO SÍTIO DE NOSSA SENHORA AO ACTUAL LARGO DA AJUDA

Publicações dos Anais das Bibliotecas, Museus
e Arquivo Histórico Municipais

X

Do sítio de Nossa Senhora ao actual Largo da Ajuda

Conferência ao ar livre efectuada, por iniciativa
do Pelouro Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, no Largo da Ajuda,
na tarde de 10 de Novembro de 1935
pelo Ex.mo Sr. Mário de Sampayo Ribeiro

Lisboa

1936

Do sítio de Nossa Senhora ao actual Largo da Ajuda

Conferência ao ar livre efectuada, por iniciativa do Pelouro Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, no Largo da Ajuda, na tarde de 10 de Novembro de 1935

Certo dia, no douto espírito de um homem que nutre verdadeiro culto por esta Lisboa prezada, brotou idéa formosíssima que consistia em diligenciar afervorar o apêgo dos vários alfacinhas a seu cantinho urbano por meio de conferências ao ar livre realizadas *in loco* — conferências em que seriam evocados, tam sugestivamente quanto possível, quadros da história pregressa dêsse bairro, dessa freguesia, dêsse arruamento.

O ilustre olissipófilo pressupunha que sua idéa não caïria em cesto roto, pois não só havia de ter bom acolhimento por parte da gente culta — a quem é sempre grato ouvir falar de tais coisas — mas também, e sobretudo, por banda da massa anónima que—fiel ao velho prolóquio fiador de que o saber não ocupa lugar—anda sempre, movida pelo bichinho da curiosidade, a meter o bedelho em tôda a parte, até onde não é chamada, e que, quando não tem em que saciar sua inata avidez de conhecimentos novos, coscuvilha e se compraz em fazer devassas implacáveis acêrca do viver íntimo do próximo.

Claro está que não havia de contar-se com a adesão dos que têm notícia da existência dos campos de Aljubarrota, pelo facto do Nicolau e do Trindade adregarem de passar por lá todos os anos, a pedalarem furiosamente, puxando por si próprios, naquêles modernos torneios indígenas, verdadeiras epopeias do frete, que tanto contribuem para a *ovomaltinização* da sociedade e... para o aumento de tiragem dos jornais.

Outrotanto havia de acontecer àqueles que por nada dêste mundo deixam sua vida de come e dorme (a menos que lhes luza no horizonte possibilidade de digerir o quequer que seja), e também certos «espí-

ritos superiores» que, embora não saibam nada de nada, deprimem enfatuada e sistemàticamente tudo quanto há.

É de ver, igualmente, que não acorreriam os que na quadra estival se entretêm, por essas praias limítrofes, a fazer concorrência aos lagartos, pondo-se de bôrco a estorricar ao sol, o mesmo sucedendo àqueles cujos conhecimentos de História Pátria não vão além de meia dúzia de nomes, dois ou três acontecimentos e uma data célebre, mas que, em compensação, sabem de cór os nomes de todos os jogadores de bola que há no mundo e têm à cabeceira o retrato de seu predilecto, no mesmo lugar adonde, em tempos não remotos, costumava negrejar um Crucifixo.

Outrora os homens digladiavam-se por sua dama; hoje esmurram-se com sanha e insultam-se por via dos clubes a que pertencem.

Nêsses tempos, a maior ambição de um português, era pugnar pelos interesses da grei e esforçar-se até o sacrifício por igualar os grandes capitãis na valentia.

Hoje, o sonho doirado de qualquer mocinho consiste em jogar num dos grupos do Benfica e todos os seus esforços tendem para imitar no penteado, no modêlo exótico dos bigodes e no talhe do fato... o mais famoso dos galãs do cinema estrangeiro.

Mas... descontados todos êsses, ainda, graças a Deus, ficava muita gente que buscasse instruir-se e saber da orígem do nome de sua rua ou de seu sítio, e ter notícia do que por lá se passou noutros tempos.

A muita devoção da tal pessoa amparou, acarinhou, deu forma e aperfeiçoou mentalmente a idéa inicial, sempre na esperança de lhe poder dar realidade um dia, ponto é que tivesse ensejo.

...E o ano passado, Luiz Pastor de Macedo — que outro não foi de quem partiu a idéa — pôde realizar seu sonho e pôde verificar que sua expectativa não fôra iludida.

Quatro conferências tiveram lugar, e cada qual tratou de assunto diferente.

Delas tôdas, a que rompeu a marcha, e que me coube a honra de fazer, foi a que menor brilho alcançou.

Em meu entender, porém, de tôdas quatro foi essa a mais rica de intenções, porque em tôda ela vibrou sentimento irmão gémeo do do iniciador da emprêsa, que foi, no fim de contas, quem não colheu os loiros dela.

Tôdas as atenções se concentraram nos conferentes, todos os elogios e aplausos fôram para êles e ninguém fez reparo em que era injusto não os estendendo a quem fôra alma e razão de ser do que se passára.

Penhorante convite fez que voltasse êste ano a ter praça assente na brigada dos conferentes.

E porque Pastor de Macedo já nada tem que vêr com o assunto, nem directa nem indirectamente, eu não posso, não devo e não quero deixar de relembrar a sua benemerente iniciativa e de testemunhar-lhe pùblicamente a minha gratidão de lisboeta até a medula dos ossos, ao mesmo tempo que rejubilo e me congratulo pelo facto de não ter ficado insulada e antes ter sido perfilhada e amorosamente prosseguida por seu digno sucessor no exercício do pelouro cultural do primeiro Município do País.

*
* *

Cumprido êste dever de consciência, vamos ao que importa.

Tenho de contar-vos a história do lugar onde nos encontramos e que foi berço desta freguesia que, sendo a vossa, é também, de certo modo, a minha, pois nela vim ao mundo e fui baptizado vai em trinta e sete anos.

¡ Difícil tarefa !

Nanja porque me faltem fôrças ou mingüe cabedal para a levar a cabo.

Não.

A dificuldade tem outra razão de ser: a crise de abundância.

É que a matéria é tam vasta que, por si só, dava e sobrava para um curso e um curso trabalhoso.

Mas para simples conferência, que as circunstâncias, para mais, impõem que não seja extensa nem enfadonha, a dificuldade multiplica-se por via do embaraço da escôlha.

Há muito que dizer.

Há mesmo tudo, porque quási nada é sabido de todos vós.

Antes de entrar em matéria, porém, quero apontar dois nomes à vossa consideração, nomes que são os de dois eruditos indissolùvelmente ligados aos estudos sôbre a Ajuda.

Um dêles há muito que está na terra da verdade; o outro está vivo e felizmente ainda cheio de viço, garantindo-nos assim a probabilidade do conhecimento, pela publicação, dos frutos de suas pacientes e minuciosas investigações de longos anos.

Ambos fôram oficiais da antiga Biblioteca Real.

O primeiro chamou-se Rodrigo Vicente de Almeida.

O segundo é o Sr. Dr. Jordão de Freitas — actual e prestigioso Director da Biblioteca da Ajuda — e folgo sobremaneira de ter ensejo de, neste momento, poder testemunhar-lhe a minha muita consideração.

I

Júlio de Castilho, famoso autor da famosa *Lisboa Antiga*, era dono de um telescópio encantado que, em vez de aplicar-se ao espaço, tinha a rara possibilidade de, quando assestado, permitir esquadrinhar o tempo

e focar a época que a seu feliz possuïdor apetecesse.

Foi graças a êsse aparelho privilegiado que êle pôde descrever com tanta côr, tanto brilho e tamanha justeza, quadros sugestivos não só da velha capital, como ainda da remota Alísubo, da romana Felícitas Júlia e da moira Axbuna, cuja queda em poder de Afonso Henriques é objecto de narração pinturesca a mais não.

Também eu, ao cabo de grandes canseiras e de porfiadas buscas, logrei desencantar um dêsses instrumentos mágicos, mas — ¡ ai de mim ! — de alcance muito mais mesquinho que o do tal outro.

Não sei se por defeito da máquina, se por insuficiência minha, o certo é que, por mais que me afirme, nem sempre alcanço a vêr nítido.

Por isso não posso falar-vos com a clarividência do Mestre consumado.

Mesmo assim, porém, dar-vos-ei conta de algo do que tenho conseguido enxergar:

Para além do século XIV, as névoas são tam densas que não se lobriga palmo adeante do nariz, quanto mais coisa que jeito tenha.

Mas nos fins dêsse século, já não sucede o mesmo; divisa-se com clareza.

E ¡ como tudo era diferente !...

A maior parte do espaço compreendido entre as ribeiras de Algés e de Alcântara era cultivado com esmero.

Que de pomares de espinho e de caroço havia pelas várzeas vizinhas do Tejo, no sopé das colinas cujas íngremes encostas — mercê das messes de trigo durázio precocemente amadurecidas pelo sol abrasador—parecem enroupadas de lhamas aurifulgentes.

Os olivais abundavam para os lados do Almotive e de Alcântara em cujas ribeiras o engenho humano dispusera com mestria açudes e reprêsas, para aproveitar a corrente com fôrça motriz de rudes lagares.

A vinha não rareava por essas vertentes e, no outono, dava gôsto vêr, por entre as parras cobreadas, tentadores cachos sazonados de trincadeira — negros como tiçÕes — ou de arinto e de fernam pires — doiradas pinhas de contas de âmbar de primeira água.

O casario era esparso e raro.

Apenas junto da ribeira de Alcântara e nas cercanias da primitiva ermida do Restêlo se viam pequenos agregados de casas térreas que podiam dizer-se vilares.

Tirante essas como miniaturas de aldeias, só um que outro casalejo, perdido na verdura, alvejava aqui e além, muito caiado, branco de neve, emmoldurado por sua parreira de uvas ferrais ou escoltado por copadas e ramalhudas figueiras moscatéis.

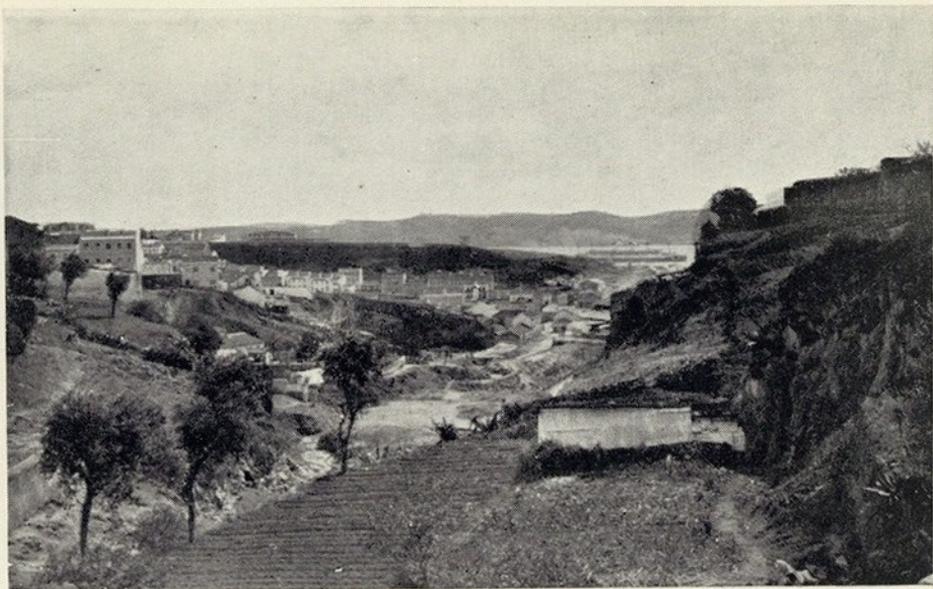
Junto de cada qual vicejava sua horta amanhada a preceito. E era um regalo só de vêr-se, de manhãzinha, as camarinhas de orvalho

Descendo a Travessa da Ajuda e tomando pelo carreiro que segue para a Rua do Cruzeiro, chega-se ao Vale da Sacôta...

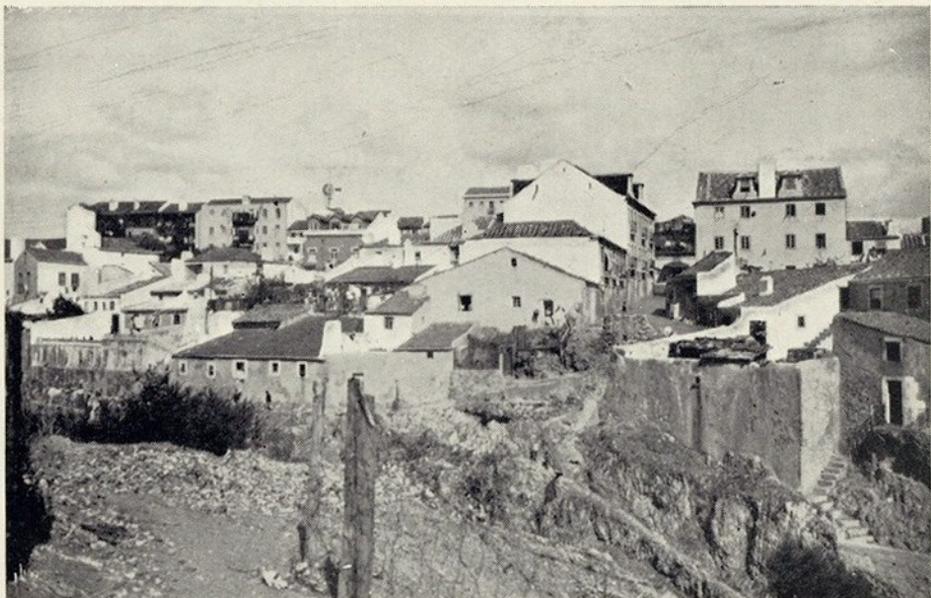
Foto E. Portugal.

Outro aspecto do Vale da Sacôta

Foto E. Portugal.

Conseqüências de cento e cinqüenta anos de abandono...
Foto E. Portugal.

A Tôrre do relógio exibe ainda as cicatrizes
que lhe ficaram
da amputação do edifício da Patriarcal
Foto E. Portugal.

aljofarando as fôlhas das couves e das alfaces, afamadas em tôda a redondeza e até mesmo na banda de além do rio.

Pelos altos, coroando os vários montes, ia verdadeiro enxame de moïnhos de vento.

Era por êstes lados que tinha assento a poética e rudimentar grande moagem da época.

Os caminhos, que levavam às portas da cêrca fernandina, eram trilhados todo o santo dia por enfiadas de pachorrentos burros que, à voz amiga do moleiro, ou galgavam as íngremes ladeiras, carregados do grão bem dito, ou as desciam, com estrepitosas escorregadelas de ferraduras sôbre o cascalho sôlto, conduzindo a farinha que seria depois o pão saboroso e sàdio, quere dizer: exactamente ao contrário do que é hoje...

Tôda esta labuta e o continuado vai-vem eram feitos ao som de lamentoso zunido — obra do vento nos búzios e nos púcaros de barro atados fortemente nos braços dos moínhos — e à vista do rodar incessante das velas enfunadas — corropio incansavel e endemoninhado como o rodopiar dos bailarins da lenda...

...E assim foi muitos, muitos anos o aspecto externo destas léguas quadradas que formavam o reguengo de Algés de Ribamar.

Em data imprecisa, porém, não posso garantir se em comêços, se no meado, se nos derradeiros anos do século de quatrocentos, sucedeu caso extraordinário que merece referência especial e muito particularizada.

Dois garotos — dois almas danadas ¡que nada parava quieto com êles! — costumavam vir por êstes lados de guarda a umas cabras que apascentavam nos restolhos.

Como o sítio era ermo e êles se não compraziam em passar a manhã de papo para o ar, matavam o tempo em vários entreténs, quási sempre armando aos pássaros, em-quanto o gado pastava pelas proximidades.

Certo dia, apenas clareou o olhal do trinco, saíram de casa com a rede debaixo do braço e as gaiolas nas mãos, puseram pés a caminho e, todos prazenteiros, depois de deixarem as bichas em lugar farto de pasto e ao alcance da vista, enfiaram direitos ao ponto — escolhido de véspera — onde tinham predisposto a «bebida» com artimanha consumada, à sombra de uma oliveira.

Quando atingiram o termo da jornada ainda o sol não despontara e até as madrugadouras toutinegras dormiam regaladas sem dar sinal de vida.

Embevecidos, contemplaram sua obra, prepararam a rede, deram os últimos retoques e foram acoitar-se por trás de certa moita de estevas — ali posta mesmo ao pintar — antegosando as delícias de lauta jantarada de passarinhos fritos.

E lá ficaram à coca, aguardando que qualquer pintassilgo matutino viesse á beberricar e a fazer suas abluções para, quando o apanhassem confiadamente entregue aos cuidados de toucador — ¡ zás ! — botarem-lhe a rêde por cima e irem de corrida a metê-lo na gaiola e a repor tudo como estava.

Não sei dizer-lhes, infelizmente, se a caçada foi rendosa ou se não.

Só sei que, a alturas tantas, ao raio de uma das cabras deu-lhe na tineta de se desviar do pascigo, tomar a direcção da ribeira e, em menos tempo que é preciso para dizê-lo, galgar a penedia de salto.

Vai senão quando um dos catraios, que a viu sair-se com uma daquelas, largou à carreira para ir agarrá-la e trazê-la para junto das mais.

Mas demorou-se tanto ou tam pouco que o outro, a certa altura, entrou de estar em cuidado e não teve mais remédio que deixar a rede e as gaiolas e ir a vêr se o compapanheiro se teria aleijado ou partido alguma perna nas rochas.

Desceu o despenhadeiro de rastos e cheio de cautela e foi topar com uma grutazinha natural, escavada na penedia, de cuja existência ninguém tinha notícia.

Lá dentro, com o rosto a espelhar maravilhosamente o espanto que lhe ia na alma, estava o companheiro com os olhos fixos em pequena e linda imagem da Mãi de Deus.

O recem-chegado, fôsse por mais expedito, fôsse por menos impressionavel que o descobridor do prodígio, não se deixou contagiar pelo pasmo e chamou-o à realidade das coisas.

¡ Já tinham que contar em tôda a vida !

Apanhada a cabra, resolveram ir aos moínhos do Penedo a dar conta aos pais da alvoroçante descoberta que tinham feito.

E à tarde o milagre era conhecido em tôda a redondeza e até mesmo em Lisboa, pois um que outro alviçareiro partira para lá a dar a fausta nova da Senhora Aparecida

A gente apinhava-se dentro e fora da gruta.

Dois frades de S. Francisco da Cidade, que andavam à esmola, tinham promovido uma devoção em acção de graças.

Rezou-se com fervor à santa imagem que representava a Virgem sentada em pequena cadeira tendo o Menino Jesus no regaço.

Logo se fez voto de erigir alí mesmo uma ermidazinha em honra de Nossa Senhora, voto que não tardou em ser realidade.

Tantas e tam numerosas foram as graças obtidas por sua intercessão que, dentro em pouco, a imagem era conhecida pela linda invocação de *Nossa Senhora da Ajuda* e seu culto tomou grande incremento, dando aso à afluência de peregrinos, vindos da Côrte e de

outros lugares do Termo, a trazer-lhe seus óbulos, a pagar-lhe suas promessas, a fazer-lhe suas orações votivas com fervor.

Como conseqüência dêste facto prodigioso surgiram as primeiras edificações — de comêço simples barracas de madeira e colmo, ao depois casinhotos de taipa e de alvenaria cobertos de telha.

Era a casa do capelão, eram vendas onde os peregrinos podiam refrescar-se e retemperar suas fôrças para as fadigas da viagem de retôrno.

A ermida levantou-se sensivelmente no lugar onde está o quintal daquela casa de azulejo que além se vê, na esquina septentrional da travessa da Ajuda.

As outras construções ficavam-lhe forçosamente perto.

E o novo vilar entrou logo de ter nome...

....

Eis como nasceu, muito provàvelmente em meados do século xv, o *Sítio de Nossa Senhora da Ajuda*, ascendente directo do local onde nos encontramos reünidos.

II

Frei Agostinho de Santa Maria diz, no *Santuário Mariano*, que o poder divino, por intermédio desta santa imagem, começou a operar infinitos milagres e portentosas maravilhas, pelo que, em breve tempo, êste pequeno templo deveiu célebre em Lisboa e seus contornos.

A prova mais concludente da veracidade da afirmação do bom do frade Grilo é que, antes de meada a centúria quinhentista, a primitiva ermida foi deitada a baixo e em seu lugar se construíu outra maior, de portal virado ao nascente, a qual, volvidos poucos anos, passou a ser séde de nova frèguesia.

A devoção a Nossa Senhora da Ajuda florescia com amor.

Graças ao telescópio de que vos falei há bocadinho, pude presenciar algumas scenas curiosas, aliás probatórias de como tôdas as classes sociais se irmanavam nêsse culto fervente.

Aos sábados — dias de Nossa Senhora — as visitas ao santuário eram verdadeiras romarias.

Havia gente da Côrte, vinda dos lados onde, depois, se edificou a vetusta ermida de Santo Amaro. Eram nobres, cortezãos, mareantes, religiosos, mesteirais e gente humilde.

Alguns desciam dos montes trazendo suas ofertas. E eram lavradores, moleiros, pastores, ganhões, gente rústica.

Outros, por fim, formigavam encosta arriba, idos do antigo Restêlo, já conhecido pelo nome de Belém. Eram pescadores, remolares, calafates e até gente vinda em faluas da margem de além.

O seguinte quadro, que tive a sorte de surpreender num dêsses

sábados, é digno da vossa atenção; por isso vo-lo refiro.

Certa tarde branda de primavera sai da porta do cêrco dos frades jerónimos luzido cortejo e toma a direcção da azinhaga que conduz a êstes lados.

À frente, montada em nédia mula de silhão que um estribeiro leva de rédea, vem uma senhòra entrajada de nôjo e envelhecida mais pelos desgostos que pelos anos.

Seguem-lhe no encalço alguns frades e gente de sua casa e de sua criação, entre a qual avultam formosas damas e graves donas.

Vão todos a pé.

Basta atentar «no aspecto magestoso e naquele real lustre que era causa da admiração de todos» em seu tempo para se saber quem é a personagem que vai cavalgando.

É a excelsa Raínha Dona Catarina — futura instituïdora da maior das Mercearias de Belém — viúva del-Rei D. João III.

Entre as damas que lhe vão na piugada figuram algumas das beldades da época: a linda Dona Violante de Noronha; a loira Dona Catarina de Eça; a filha dos condes da Castanheira, Dona Ana de Ataíde; a célebre Dona Leonor Coutinho, que foi condessa da Vidigueira; a mais que todas famosa Dona Francisca de Aragão, futura condessa de Mayalde e inspiradora de paixões cujos ecos chegaram a nossos dias.

E o cortejo vai seguindo sempre, gravemente, procèssionalmente, ao cadenceado passo da mula branca, vencendo a ladeira que vai de Belém para o Penedo.

Eis que corta agora para o nascente e enfia direito ao santuário.

Junto dêste produz-se certo reboliço entre os circunstantes, mal avistam a Raínha e seu séquito. Cada qual corre pressuroso a tomar lugar nas bermas do carreiro para, de joelhos, saüdar a bondosa e caritativa viúva do Piedoso.

E é por entre alas de súbditos reverentes que a comitiva desfila, em direcção à capelinha, ao som dos lamentos exagerados e dos rogos choramingados de verdadeira praga de mendigos impetrando a esmola que sabem certa.

Atingida a meta, o escudeiro e outro criado nobre ajudam a irmã de Carlos V a apear-se do silhão.

Depois, todos descem para o adro, enveredam para o templo, cujo portal cruzam, e vão acompanhar a última filha de Joana, a Doida, na reza de umas tantas corôas em honra da Virgem.

E Nossa Senhora da Ajuda, por trás do vidro de sua preciosa maquineta, acolhe essas orações em seu louvor com o mesmo sorriso de bênção com que já acolhera, anos antes, as devotas preces de dois padres da Companhia, padres que, mais tarde, haviam de subir aos altares como prémio de seu zêlo pela Fé — o grande S. Francisco

de Borja e o incomparável apóstolo das Índias, S. Francisco Xavier.

III

A corrente devota, o incremento conseqüente das navegações e «o salutífero e aprazível do lugar», no dizer castiço do padre Carvalho da Costa, concorreram para aumentar a população destas partes.

Fidalgos das primeiras qualidades do Reino fizeram casas, ou estabeleceram quintas nobres, por aí, em terrenos foreiros à Corôa.

Um deles foi o conde de Sabugal em cuja casa andava o alto cargo de Meirinho-mór.

Porque o sítio era alto e com alegre vista para qualquer dos pontos cardeais, aforou terrenos ao poente do *Sítio de Nossa Senhora* e neles edificou casas nobres que, com o andar dos tempos, vieram a cair na casa de Óbidos e foram, por fim, compradas por el-Rei D. João V.

Êstes sítios viram amiudadas vezes o Magnânimo que, com sua faustuosa Côrte, cruzava o vasto terreiro desnivelado quando, por quentes tardes de Agosto, vinha a repetenar-se à sombra do arvoredo secular, ou a descansar das fadigas de um dia inteiro de comocionante caçada aos gamos e javardos, na vizinha Tapada, com horas seguidas de galopar constante por entre verdadeira babel de ruídos, resultante do vozear dos batedores, dos ladridos das matilhas e dos atroadores toques de trompa dos monteiros.

Findo o repasto, era de ver-se o maravilhoso aspeto das salas — hoje servindo de quartel da 5.ª Companhia da G. N. R. —com centenares de velas acesas, reflectindo nos espelhos e iluminando o esplendor dos razes e dos doirados, em-quanto cada qual, refeito da canseira, contava as peripécias do dia com vivacidade e folgazania a que, porventura, não seriam de todo estranhas as libações copiosas...

Ás vezes, raras, havia ópera.

Quási sempre, porém, havia serením em que os dedos privilegiados de Carlos de Seixas, ou a arte consumada de Domingos Scarlatti, faziam prodígios no cravo.

E era certo que, antes de todos recolherem a penates, havia baile em que esbeltos pares, com elegância requintada, ao som dos rabecas da Capela Real, adrede convocados, evolucionavam dextramente em complicadas danças — gavotas e minuetes — que encantavam só de vê-los.

IV

Na manhã de Todos os Santos de 1755 a terra tremeu horrendamente.

Os sinos da frèguesia tocaram por si sós e toda a gente saíu de casa espavorida, implorando a misericórdia divina e a pretecção da côrte celestial.

Abrandado o susto, começou de notar-se o êxodo dos habitantes de Lisboa e por êles se soube que incríveis proporções o cataclismo assumira na Capital do Reino.

E à noite, em-quanto no céu reverberava o imenso clarão provocado pelos incêndios que devoravam a cidade, só se ouviam os choros e as lamentações dos foragidos que tinham perdido tudo, de mistura com as acções de graças tributadas pelos ajudenses a seu orago, por ter privilegiado esta zona.

Todos sabeis o que se seguiu.

A Côrte foi transferida para aqui. E como el-Rei, tomado de pavor, jurasse não mais habitar em casas de pedra e cal, procedeu-se à construção do imenso palácio de madeira que, situado ao norte do chamado Paço Velho ao depois, se estendia desde a Calçada do Galvão até cêrca da fachada do actual.

A fisionomia do *Sítio da Nossa Senhora* transformou-se então por completo.

A entrada principal do Paço Novo — que ficava dêste lado *(nascente)* — obrigou a fazer a nivelação dos terrenos.

O vasto terreiro foi cortado por via da edificação da nova Capela Real (também de madeira) e da galeria da sua comunicação para palácio.

O aspecto geral e a vida local mudaram inteiramente, quási voltaram pés com cabeça.

O sítio de popular deveio nobre.

O casario aumentou a olhos vistos.

Os moradores, que eram quási todos gente da lavoura, passaram a ser cortezãos, beneficiados e músicos da Capela Real.

A Quinta Nova foi adquirida por D. Lucas Giovine (mestre de música, que fôra, da Rainha Dona Mariana Victória, ainda quando Princêsa do Brasil) e veio mais tarde a servir para instalação do Seminário da Patriarcal.

Liteiras, seges, coches e estufins passaram a cruzar o terreiro a toda hora e instante.

Onde até então houvera só modéstia e recato, passaram a reinar a pompa e a grandeza.

Todavia, lá de longe em longe, tudo se transformava e o *Sítio* voltava a revestir cunho acentuadamente popular.

Numa dessas ocasiões — em determinado domingo de Setembro de 1769 — houve festejos de arromba em honra de Nossa Senhora do Cabo.

Estas festas eram sempre mais estrondosas e apreciadas que outras quaisquer, porque só tinha lugar na mesma frèguesia quatro vezes em cada século — de vinte e cinco em vinte e cinco anos.

A sua magnitude era tal que as idades da arraia miuda se reportavam, por via de regra, a êsse acontecimento.

Para se entender que Fulana já não era nova, bastava dizer-se que

tinha visto três círios da Senhora do Cabo.

Naquêle ano as festas ficaram célebres.

O juiz era o Príncipe D. José — que tinha nove anos e era o benjamim de toda a gente — mas seu augusto avô foi quem correu com toda a despesa de seu real bolsinho.

Para que possa aquilatar-se fàcilmente da magnificência da festança, basta dizer-se que — quando, por volta da quinta feira da Ascenção de 1770, o círio foi festejar a Senhora ao santuário do Cabo Espichel — só no bodo foram repartidos ¡ dezasseis bois inteiros!

A *entrada* da Senhora foi um deslumbramento.

¡Uma coisa nunca vista!

Todo êste imenso recinto estava engalanado a primor, segundo risco de um dos excelentes scenógrafos do Teatro Régio.

Não havia janela de que não pendesse colcha, mais ou menos suntuosa consoante as posses dos moradores.

Os festões de verdura de buxo e de murta, marchetados de sardinheiras e de gerânios, dispostos com mestria, produziam efeito de maravilha.

Era tamanha a concorrência de devotos — alguns vindos ¡até do coração do Alentejo! — que alfinete que adregasse de soltar-se não acharia maneira de chegar ao chão.

Havia de tudo nêsse transbordante mar humano que se comprimia aguardando a chegada do círio:

Lavradores e èguariços, algarves dos bergatíns e das galeotas, almocreves e escravos de côr — negros, pardos e chins — que atestavam a extensão dos nossos domínios; cavadores de enxada e soldados de vários regimentos, cabouqueiros, saloias de carapuço, boleeiros cambaios e arreeiros praguejentos; gente do mar, velhas de capote e lenço, oficiais de mestér e vendilhões de coisas várias; garotos endiabrados, moços de estribaria, alveitares, cirurgiões, tendeiros e boticários; oficiais das Secretarias, gente das Alfândegas, da Saúde, do Dezembargo do Paço e da Mêsa da Consciência; criados graves e de escada abaixo; mendigos andrajosos e repelentes; aleijões de toda casta; corregedores, alvazís, letrados e mestres de meninos; frades e leigos de todas as religiões; donas empertigadas; comadres e sangradores — ¡eu sei! — o poder do mundo, tudo a esmo, tudo de envôlta, tudo de cambulhada, em promiscuïdade impossível noutra ocasião.

Eram de todas as idades — desde os trôpegos e alcachinados pelos anos até a garotagem desenfreada que fura, que pisa, que acotovela e que trepa, ousada e porfiadamente, na mira de conquistar lugar empoleirado que supra pela iminência o que lhe mingua na estatura.

Eram de todos os estados físicos — desde os sãos e escorreitos e os

achacosos acidentais até os deformados pela natureza, pela desgraça ou pela malvadez — coxos, marrecos, cegos, manetas, mancos e zanagas.

Vestiam de todas as côres, de todos os tecidos e de acôrdo com todas as modas — desde a mais antiga, sobrevivente em trajo de ver-a-Deus herdado de alguma avó, até a última palavra do córte saída das mãos hábeis do Ferreira, alfaiate em Belém; desde o burel do hábito franciscano até a seda lavrada do vestido de qualquer dona; desde o capote de certo pobre de pedir, constelado de remendos dos mais irreconciliáveis tons, até a vistosa jaqueta escarlate da libré dos remadores dos Marialvas, ou a blusa amarelo-gema-de-ôvo de alguma guapa mocetona de Monsanto.

Êste formigueiro humano, contido pelos soldados do regimento de Lippe e pela Guarda Real dos Archeiros, borborinhava como vespeiro à torreira do sol em-quanto os vendilhões apregoavam os produtos de seu negócio pingue: água fresca e orchata — excelentes para dessedentar a goela; alcomonia, alféloa e gergelim — confeiçoados por exímias pretas fôrras e delícia da miudagem; pevides de abóbora, fava frita, amendoim torrado e tremoço saloio — próprios para ir entretendo a debilidade.

Junto da escada, que descia para o adro da Igreja e para o cemitério da frèguesia, esperavam a chegada da Senhora, precedidos da cruz metropolitana, o Eminentíssimo Cardeal Patriarca (de capa magna de riquíssimo sebasto bordado e mitra preciosa cravejada de esmeraldas) e tôdas as dignidades de sua Santa Igreja — principais (também mitrados e revestidos de pluviais de lhama doirada), beneficiados e capelãis cantores, e mais os frades jerónimos e os do vizinho convento de Nossa Senhora da Boa Hora e Santa Rita.

Do lado oposto, estavam Sua Magestade Fidelíssima e tôda a Côrte, de grande gala.

Enquadrando a figura corpulenta e um pouco obesa del-Rei viam-se: a Rainha Dona Mariana Victória, a Princesa do Brasil, futura Dona Maria I, seu marido, o Infante D. Pedro, as outras três Infantas — salientando-se por sua beleza peregrina Dona Maria Benedita — o Sr. D. João da Bem-posta, a Camareira-mór, o Marquês-barão, todos os altos cargos palatinos, entre os quais sobressaía o vulto magro e esguio do famigerado Secretário de Estado, conde de Oeiras — dali a pouco feito marquês de Pombal — ostentando a «negrinha», insígnia do cargo de Mordomo-mór.

É impossível dar idéa, por pálida que seja, do deslumbramento produzido pelos raios solares brilhando nos galões das fardas, reverberando nos oiros das mitras, fulgindo nas lhamas das alfaias,

coruscando e reflectindo nas espelhentas alabardas, caramelejando no caiado das frontarias, realçando o matizado polícromo dos vestidos de tons garridos e variados.

¡Só visto!

À frente de todos, o Principezinho D. José, muito lindo, todo de branco — cabeleira empoada, casaca bordada a matiz de tons esmaecidos com botões de opala, gravata de rendas de Malines finas como teias de aranha, sapatos de fivelas de diamantes — muito empertigado, muito senhor de si e de seu papel de juiz, empunhando a vara de prata maciça, com quási o dobro de seu tamanho, via aproximar-se a luzida cavalgada a cuja testa vinha o nobre marquês de Marialva — o mais famoso de quantos calções têm sido celebrados em nossa terra — cavalgada que precedia a berlinda em que, desde Rio de Mouro, vinha a imagem da Virgem que mais culto e mais devoção usufruia em todo o Termo, e na piugada dela, em coches del-Rei, os «anjos» — que haviam de entoar as apreciadíssimas lôas — o pároco José Joaquim Galhardo e muitos outros eclesiásticos, sacristãis, meninos de côro e faquinos.

Quando — ¡alfim! — a cavalgada desembocou no extremo norte do largo, foi tamanho o alarido que parecia o fim do mundo.

Repicaram os sinos doidamente, estralejaram intermináveis girândolas de foguetes (manipulados nas oficinas da ribeira de Alcântara), soltaram-se pombos, em-quanto ao longe se ouvia o troar dos canhões da tôrre de Belém e de duas fragatas ancoradas no surgidoiro, salvando em honra da recém-chegada.

Mas quando a berlinda com a pequenina imagem passou por entre a mole da gente, então foi o delírio.

Todos perderam a cabeça, até os mais circunspectos.

Das janelas do Paço caía verdadeira chuva de pétalas e de confeitos, ao passo que por todo o terreiro se acenava com lenços e chapéus apoteòticamente.

¡Eram dezenas, eram centenas, eram milhares de lenços agitados com frenesí, adejando por sôbre aquêle imponente oceano de cabeças!

¡Eram vivas e víctores clamorosos e entusiásticos!

¡Era a loucura!

¡Todos enrouqueceram à fôrça de victoriar Nossa Senhora do Cabo e de vivar o Príncipe seu Juiz!

¡Santo breve da Marca!

¡Parecia o dia de Juizo!

....

E esta alegria sã e irreprimível radicava-se nas almas de todos e apossava-se delas até o ponto de poderem confraternizar o dia inteiro na mais completa nivelação que dar se pode.

Esta alegria pura e comunicativa não a podemos nós avaliar hoje porque já não existe.

Morreu pouco depois, quando os homens deixaram de estar irmanados na mesma Fé e começaram de dissociar-se, dividindo-se e agrupando-se ao sabor de ideologias e de corrilhos, que semearam rivalidades, que fizeram brotar ódios e que mataram na alma portuguesa a alegria que a caracterizava e era a inveja dos estranhos.

V

Na véspera de S. Martinho do ano da graça de 1794 — faz hoje precisamente cento e quarenta e um anos — o fogo ateou no palácio de madeira e em poucas horas transformou em imenso braseiro tôda a parte oriental.

Em todos os campanários soaram as trinta e tantas badaladas anunciando incêndio na frèguesia da Ajuda.

Mas, a pesar dos esforços invidados, a ala do palácio ardeu de lés a lés.

As obras para a construção desta mole de pedra que está por trás de mim começaram imediatamente depois.

Dois anos e meio antes — em Maio de 1792 — a Santa Igreja Patriarcal, que andara de Herodes para Pilatos desde o terramoto grande, viera instalar-se na Capela Real de madeira, onde se realizaram obras de ampliação e de apropriação.

Construiu-se a tôrre sineira em pedra lioz (a que depois se juntou o relógio) e o seu carrilhão repicou festivo a vez primeira aos 29 de Abril de 1793, a quando do nascimento da Princesa da Beira, Dona Maria Teresa, filha dos Príncipes do Brasil, D. João e Dona Carlota Joaquina.

Entramos no século XIX que uns elevam às núvens, chamando-lhe das luzes, e outros põem de rastos, alcunhando-o de estúpido.

Pode ser que essa centúria tenha merecido ambos epítetos lá por fora.

A de dentro das nossas fronteiras o qualificativo que melhor lhe quadra foi-lhe dado por um homem insigne, que morou muitos anos além naquela casa e foi bibliotecário régio e fugaz presidente de uma vereação do efémero concelho de Belém.

Esse homem, escritor dos melhores que Portugal tem tido, foi vítima da sua época e a sua existência amargurada passou-se na luta constante de um coração grande e generoso e de uma alma lídima e medularmente portuguêsa contra uma formação mental eivada de preconceitos e uma inteligência sua escrava.

Contrasenso vivo, esse homem, quando soldado, contribuiu de armas na mão para dar a última machadada nas periclitantes instituïções tradicionais e veiu depois a ser estrênuo paladino de sua restauração.

Chamou-se — já o adivinhastes — Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo.

Pois foi Alexandre Herculano quem definiu com imensa e compungida amargura, lapidarmente, como ninguem, o que foi o século de oitocentos entre nós.

No prefácio de *O Monge de Cistér* chamou-lhe o século de bota-abaixo e vaticinou — ¡ ainda êle não ia em meio! — que o seu legado monumental seria um cemitério imenso; mas cemitério sôbre o qual não se elevaria sequer a humilde distinção de uma cruz.

Noutro escrito, roborando aquêle luminoso epíteto, acusa-o de ter sido o século que derrubou monumentos e converteu em latrinas ou em tabernas os lugares consagrados pela História ou pela Religião.

A primeira invasão francêsa teve como conseqüência lógica, a retirada da Família Real para o Brasil, única maneira de frustrar eficazmente o desejo de assenhoreamento planeado por Napoleão e secretamente apoiado por alguns chamados portugueses de então.

Nessa retirada, que um conjunto de circunstâncias forçou a ser feita com precipitação, teve orígem a decadência dêste local.

A Patriarcal, que ainda lhe emprestava algum lustre, entrou também de agonizar e, passados poucos anos, reatando sua ciranda, abalou daqui para a antiga Sé, ao Limoeiro.

Entretanto, a primitiva Igreja paroquial ameaçou ruína.

Não houve dinheiro para a consertar e a sede da frèguesia foi a instalar-se na igreja que fôra dos frades agostinhos da Boa Hora.

Não tardou que a fábrica de madeira da Patriarcal apodrecesse de todo e houvesse de ser demolida.

E a derrocada da velha capela, erigida no lugar onde os cabreiros haviam topado com a imagem da Senhora Aparecida, de que proveio o nome ao *sítio*, não se fez esperar.

Reduzida a pardieiro sem nome, vendida em hasta pública, num inverno rigoroso, depois de consecutivos dias de temporal da barra, subverteram-se-lhe os telhados e ficaram só as paredes a atestar o vandalismo do tempo e a maldade e a ingratidão dos homens.

O arco do cruzeiro resistiu longos anos de pé, mas o recheio foi sendo saqueado aos poucos, a pontos de não se saber que foi feito do portal gótico por onde se entrava.

E ¡ tudo se foi!...

A torre do relógio, isolada além, no meio do largo, exibindo ainda as cicatrizes fundas que lhe ficaram da amputação do edifício da Capela Real, e a irregularidade do terreno em sua volta, são os vestígios de um passado de grandeza e ao mesmo tempo testemunho eloqüente da nossa incúria e do nosso desprendimento pelo que é nosso e a que não temos o menor apêgo.

Para em tudo ser diferente, o século XIX até trouxe a êste sítio o que êle nunca tinha presenciado: o motím e a revolta em nome de interesses mesquinhos.

Na noite de 18 para 19 de Maio de 1870, o marechal duque de Saldanha fez das suas neste lugar, enchendo de pavor os bons dos moradores do largo da Ajuda, com as descargas do 7 de infantaria.

VI

E, a não ser por ocasião de festas de gala e de beija-mão no tempo de el-Rei D. Luiz, o largo da Ajuda passou a ser coisa morta—a Rua do lá vem um...

Há cêrca de sessenta anos ainda se animava lá de vez em quando, mòrmente em sábado de Alèluia e pelo Entrudo.

Nêste, era o clássico batalhão da Ajuda que desfilava e era também o habitual «sermão» no páteo do Palácio, prègado em honra das Magestades e Altezas, pelo José Augusto *dos Sermões*—um pobre diabo com certa graça que foi notável como cantador de fado e que era irmão do cortador Mofirra, encarregado de um talho que havia na Calçada, à esquina da travessa do Buraco, e celebérrimo por suas proezas gastronómicas—¡era capaz de comer um alguidar cheio de sardinhas e de beber um almude de água-pé de sol a sol!...

José Augusto era um tipo popular dêstes sítios, conquanto não fôsse paroquiano da Ajuda, e costumava fazer as discursatas numa espéciede púlpito armado numa carroça.

Em sábado de Alèluia eram as queimas dos Judas e o entêrro do bacalhau—última sobrevivência dos entremeses populares—em que um grupo de figurantes—o magarefe, o forçureiro, o cortador e outros que tais—se constituiam em tribunal e sentenciavam à pena última o bacalhau—personificado por certo latagão com um peixe sêco posto a tiracolo—para se vingarem de seu império de quarenta dias e festejarem o reatamento do negócio de carnes, reduzido a quási nada durante a quaresma.

Mas, fora disso, o largo da Ajuda já era o que é hoje.

Só os raros transeuntes eram outros.

Um que o cruzava com freqüência era o moço de ordens do Príncipe D. Carlos—Miguel Adrião—que morava ali na Calçada, acima do Jardim Botânico.

Era alto, de boa figura e grande calção.

Dava gôsto vê-lo cavalgar no «Saturno»—lindo animal que parecia uma estampa.

Êle e a montada constituiam um bloco.

Usava calça muito justa à perna, bota de saltos de meia prateleira, chapéu de aba direita e, nos dias de vêr a Deus, jaqueta com alamares de prata.

Fôsse para onde fôsse nunca largava de mão uma chibatinha curta.

Diziam-no filho do Senhor D. Miguel.

¿ Verdade?

¿ Mentira?

— Não sei...

O certo é que havia quem garantisse que uma vez, indo o Sr. Infante D. Afonso caminho da cocheira, para lá deixar o cavalo em que fôra dar uma volta pela serra, encontrara a alturas tantas o moço de ordens, muito perfilado, de chapéu na mão.

Ao passar por êle, com aquêle ar brincalhão e o à vontade que o tornaram célebre, o Sr. Infante disse-lhe:

— Sua bênção, meu tio.

...E o bom do Miguel Adrião, na sua voz grossa e inconfundível, ter-lhe-ia respondido com respeitosa gravidade:

— Deus o faça um santo, meu sobrinho...

*
* *

Outro que por aqui passava a-miúde era a antítese perfeita do garboso cavaleiro, fiel e dedicado servidor.

Também era alto, mas sêco de carnes e usava óculos de vidros rectangulares.

Andava quási sempre de capa, calçava botas de salto exageradamente alto e trazia as viras das calças debruadas com cabedal pela banda de trás — dizia êle que por causa da lama.

Era um tipo estranho cujo ridículo aumentava mercê de certo chapéu muito pequenininho que punha na cabeça.

Tinha-se em conta de grande literato mas, em verdade, as suas crónicas eram pábulo da risota de toda a gente.

Chamava-se Jaime José Ribeiro de Carvalho e à sua custa se divertiu a Ajuda em pêso há coisa de cinqüenta ou sessenta anos.

Autor de «vários e originais opúsculos sôbre moral e higiene», Jaime *Zé* — como lhe chamavam para o arreliarem — tirante as fumaças literárias era inofensivo.

Tinha azar de morte ao general Cláudio de Chaby, a um tal sargento Santos — «o Santos Pencudo» — que era amanuense do general e passava os ócios no armazém de vinhos do «Cadaval», e ao Nogueira farmacêutico. Considerava-os como seus principais «inimigos».

Em seu conceito Alexandre Herculano não passara de simples copista...

A mania das letras estava tam radicada nêle que por cláusula testamentária expressou o desejo de ir a enterrar com uma pena de pato na mão direita e um livro aberto na esquerda.

...E a sua última vontade cumpriu-se à risca.

Foi meu pai quem alcançou a pena, a aparou e... até a molhou em tinta de escrever para que a derradeira disposição do pobre escriba fôsse respeitada mesmo no mais insignificante pormenor.

VII

E' tempo de terminar visto que está resenhada a história dêste lugar.

Consenti, porém, digníssimos vereadores, que feche minha desataviada arenga apresentando um alvitre e dirigindo-vos um apêlo.

O século passado para em tudo ser de bota-abaixo até desviou Lisboa do eixo natural de sua expansão.

O século passado para em tudo ser destruïdor até conseguiu que Lisboa voltasse costas ao Tejo, a êsse rio magnífico cujo estuário foi sua razão de ser e tornou possível que deviesse um dia o maior empório do mundo.

Actualmente o Tejo não se avista de Lisboa e só de raros pontos, e passageiramente, se vê de longe.

Apenas em Santa Luzia — obra recente — lhe podemos estar sobranceiros, mas aí não tem o rio tradições de qualquer espécie.

Pois aqui bem perto, aqui mesmo ao lado, no lugar onde se debruçam em arriscados equilíbrios uns quantos pinheiros desajeitados e meio-apodrecidos, disfruta-se panorama surpreendente sôbre a bacia e a barra do Tejo, desde para lá das alturas de Santo Amaro até a filipina tôrre da Cabeça Sêca *(Bugio)*.

Em baixo, o mosteiro dos Jerónimos — embora sacrìlegamente mutilado e desfigurado pelo mau gôsto e pela irreverência da segunda metade do século XIX — e a maravilhosa tôrre de S. Vicente autenticam passado de glória.

Em tardes outoniças, quando dalém se vê reverberar a água do magestoso rio e as núvens se acastelam no horizonte tomando configurações fantásticas, parece que, em visão que empolga, se enxergam aínda as caravelas e as náus de antanho que vão — de velas pandas e sangrantes da cruz de Cristo — sulcando as águas para a espinhosa e admirável faina de «dar novos mundos ao mundo», para a sacrossanta e formosíssima missão de «dilatar a Fé e o Império».

De nenhuma outra parte é possível tal evocação.

Por certo já haveis entrevisto em que consiste meu alvitre.

E' que trabalheis para que além se faça um miradoiro, que seria o mais lindo ponto de vista da cidade e o mais português de todos êles.

O apêlo é — creio-o — fácil de atender e muito simples.

Reduz-se a isto:

Que se comece a reparar em que a área da antiga frèguesia de Nossa Senhora da Ajuda de Belém, extra-muros de Lisboa, também é habitada por gente civilizada e que paga suas contribuïçóes tam pontualmente (e talvez tam quantiosamente) como a do coração da capital.

Para que V. Ex.as possam, num relance, compenetrar-se da justiça que assiste aos moradores dêstes lados, onde ainda todas as manhãs

a carroça das imundícies faz seu giro na recolha dos despejos caseiros, não têm que andar muito.

Basta que vão além, desçam a Travessa da Ajuda e tomem pelo carril que encurta o caminho para o Cruzeiro.

Quando chegarem a meio, dêem-se ao incómodo de parar.

Então aspirem bem aquele cheiro nauseabundo, verifiquem com seus próprios olhos como tudo aquilo é nojento e impróprio de vila de quarta ordem, quanto mais da capital, e ainda por cima a dois passos do Palácio onde o Chefe do Estado dá suas festas.

Pois está assim há cento e cinqüenta anos.

Já era aspiração antiga quando foi da extinção do concelho de Belém e a área de Lisboa galgou por aí fora até Algés.

Tende a bondade de dar ouvidos a meu apêlo e ide lá ver o que vos apontei, porque estou certo de que, na primeira reünião que efectuardes, havereis de tomar providências para que o ponto final naquela vergonha seja um facto.

...E ficai seguros, zelosos vereadores do Senado da Câmara que, se o fizerdes, bem merecereis de todos os habitantes dêstes lados, os quais, tenham os defeitos que tiverem, nunca puderam ser acusados de enfermar de um, aliás vulgaríssimo — o da ingratidão.